



## **APONTAMENTOS SOBRE ASPECTOS POLÍTICO-SOCIOLÓGICOS NO FILME “ELYSIUM” (2013)**

### **Introdução**

O filme “Elysium” (2013) se passa em 2154, num planeta terra ambientalmente destruído e super populado onde uma multidão de pessoas em situação de extrema pobreza vive na terra condenada, enquanto uma pequena parcela de pessoas com grande riqueza, em termos de valores financeiros, reside numa estação espacial chamada “Elysium” onde seus cidadãos não envelhecem nem adoecem por conta de uma cama médica capaz de curar qualquer doença e reparar qualquer dano.

Um dos inúmeros moradores pobres da Terra é Max da Costa (Matt Damon), um homem que desde a infância esteve envolvido com furtos e roubos, uma vez que, ainda quando criança Max fora criado por uma mãe em uma espécie de asilo e desde pequeno já se envolvia com delitos, os quais ele justificava como sendo uma maneira de juntar dinheiro para conseguir sua passagem para Elysium, seu grande sonho. No entanto, após sofrer um acidente durante o trabalho na indústria bélica Armadyne, Max recebe a sentença de que terá somente mais cinco dias de vida, assim ele começa sua



empreitada em busca de uma identidade e passagem para Elysium onde ele poderá ser tratado em uma “cama médica” e ser curado.

Nesse artigo serão analisados alguns pontos do filme “Elysium”, destacando-se questões de cunho sociológicas que aparecem entrelaçadas a história do filme. Serão abordados tópicos referentes a degradação do meio ambiente após anos de um modo de produção completamente desenfreado e devastador; a separação da sociedade entre uma minoria muito rica e uma multidão extremamente pobre; questões relacionadas a precarização das profissões; a automatização e substituição do trabalho vivo por robôs ou serviços automatizados; e questões relacionadas a imigração e o tratamento dado ao fenômeno no século XXI.

### **A questão da degradação do meio ambiente**

Logo de início as primeiras cenas do filme mostram uma Los Angeles totalmente devastada, seus grande arranha céus reduzidos a uma montanha de cimento e armações de ferros com vidro estilhaçados e chaminés, semelhantes as de indústrias, soltando constantemente fumaça ao céu.

Nas ruas o cenário não é menos caótico, um amontoado de pessoas perambulando, um “exercito de desocupados” que bem pode ser analisado enquanto um exército de mão de obra ociosa num mundo onde o sistema capitalista de produção levou a destruição do Planeta Terra, mas continuou a sobreviver através da criação de uma estação espacial onde as classes ricas podem reproduzir seu padrão de vida luxuoso. Porém tal padrão é construído na terra, uma vez que em Elysium não há fábricas, deixando a ação capitalista seguir seu rumo desenfreado no Planeta Terra.

Segundo Giovanni Alves (2007, p. 15):

István Mezáros, atribuiu em sua obra, algumas características essenciais ao capital, isto é, o capital é expansionista, incontrollável, incorrigível e insustentável. São tais características essenciais do capital que explicam a voracidade dos processos de reestruturação capitalista, com destaque para o



processo de reestruturação produtiva que atinge, de forma contínua, o modo de produção capitalista.

Tais aspectos do capitalismo, listados por Mezáros, são de alguma maneira retratados no filme “Elysium”, pois o cenário onde se passa o filme só pode ser uma imagem do expansionismo, incontrolado, incorrigibilidade e insustentabilidade desse sistema ao ponto de, no filme, segregar a humanidade entre os moradores de “Elysium” e os moradores do Planeta Terra. No entanto, mesmo com mudanças drásticas e profundas na organização social o modelo de produção se manteve o mesmo, levando ao ápice da insustentabilidade da vida na Terra.

### **Elysium x Terra: Países capitalistas centrais x países marginais**

Um olhar atento ao filme em questão pode revelar uma crítica a disposição e segregação dos países no sistema mundial, onde a alguns países é relegado o papel de grande fábrica do mundo (vide China por exemplo) enquanto outros países desfrutam do conforto gerado com a externalização dos processos de produção nocivos ao meio ambiente e a humanidade enquanto organismo vivo e dinâmico, ficando, no entanto, com o papel de “cérebro” do capitalismo, pois nos países centrais é que são desenvolvidas as novas tecnologias e as novas tendências que por sua vez serão materialmente construídas nos países marginalizado, esses últimos arcando com o custo de processos de produção extremamente nocivos.

No filme além da questão das fábricas estarem na terra (semelhantemente ao que ocorre no assim chamado “sul global”) enquanto que é em Elysium (“norte global”) que se aproveita da riqueza gerada na terra, outro aspecto reforça essa distinção entre Sul e Norte global, pois a primeira cena em “Elysium” mostra cidadãos brancos de fenótipo europeu falando francês, enquanto a massa miserável da Terra são, em sua maioria, latinos que a todo momento se comunicam em espanhol, esse é o caso até mesmo do personagem principal do filme, Max da Costa, que, apesar de ter um fenótipo norte americano seu sobrenome revela que ele claramente é filho de latinos além de ter sido criado por uma freira que falava espanhol. Sua melhor amiga



de infância, Frey (Alice Braga) também claramente é filha de latinos (e a escolha de Alice Braga para representar esse papel certamente não foi um mero acaso) bem como o personagem “Spider” (espécie de coioote responsável pela imigração ilegal para Elysium), interpretado pelo brasileiro Wagner Moura. Tais aspectos aqui apontados reforçam a hipótese da polarização Norte e Sul, cérebro do mundo e fábrica do mundo, apontada nesse trabalho.

### **A questão da imigração**

A questão da imigração faz parte da trama central do filme. Num cenário de devastação total do Planeta Terra cujos habitantes vivem ao descaso da “elite” e do governo locados em Elysium, os moradores do Planeta Terra tentam a todo custo entrarem no “paraíso”, sendo que, assim como o filme retrata, não é uma questão de melhorar de vida ou de aproveitar do luxo e conforto da estação espacial, mas, muito pelo contrário, é a única maneira de continuar vivendo.

Esta luta pela vida é retratada na primeira cena que mostra habitantes da terra tentando entrar em Elysium. Duas naves estão sendo carregadas para sair da Terra e a atenção principal da cena vai para uma garotinha que anda com auxílio de muletas, ela entra na nave e recebe em seu braço sua identidade de cidadã de Elysium sem a qual é impossível ter acesso as “med beds” (máquinas que podem curar qualquer tipo de doença ou dano causado ao corpo humano). Tal garotinha embarca, acompanhada de sua mãe, em uma das duas naves que partem da terra. Uma das naves é abatida por ordem da Secretária de Defesa de Elysium, Sra. Delacourt (Jodie Foster), no entanto a outra nave consegue chegar até a estação espacial. Logo após ter aterrissado a mãe da garotinha corre em busca da primeira “med bed” que consegue encontrar e coloca sua filha dentro da máquina para que as pernas dela sejam reconstruídas, o processo é realizado com sucesso, no entanto ambas são deportadas para a Terra juntamente com todos os outros que conseguiram chegar até Elysium.



A luta para chegar até Elysium está sempre presente no filme e também é o objetivo dos personagens centrais da trama, Max , Frey e sua filha. Max precisa chegar até Elysium para ter acesso a uma “med bed”, pois foi exposto a uma alta intensidade de raios radioativos em seu trabalho (a questão do acidente de trabalho de Max será tratada em outro tópico) restando-lhe apenas cinco dias de vida. Frey, por sua vez, necessita levar a sua filha até Elysium, pois essa está nos últimos estágios de leucemia e sua única chance é ser tratada em uma “med bed”.

Portanto, mais uma vez o motivo que leva os personagens a se arriscarem a entrar em “Elysium” não é o desejo de desfrutar do confortável e luxuoso estilo de vida da “elite” de Elysium. Imigrar para Elysium se trata da ultima possibilidade de vida desses personagens.

Tal retratação se assemelha muito ao que ocorre na vida real com relação aos imigrantes que tentam entrar na Europa. Nos últimos anos tem-se presenciado o agravamento da então chamada “crise da imigração” com filas enormes de pessoas fugindo de conflitos no Oriente Médio e na África. O que fazem essas pessoas deixarem suas casas não é o desejo de desfrutar da qualidade de vida europeia, se trata, na realidade, da ultima alternativa para continuar sobrevivendo, uma vez que anos de colonização e imperialismo deixaram esses países a beira do colapso total, sem a menor infraestrutura e sem os serviços básicos de atendimento a população.

As naves que são abatidas antes de chegarem até Elysium são uma imagem que podem remeter aos inúmeros barcos superlotados por imigrantes que naufragam antes de chegar ao litoral europeu, resultando nas lastimáveis imagens de corpos sendo jogados pelo mar nas praias. Os imigrantes saem em busca da ultima esperança de vida, no entanto o único governo que os recebem com os braços abertos são os da morte.

## **A precarização do trabalho**

Outro aspecto que pode ser analisado criticamente no filme “Elysium” é o da precarização do trabalho.

A começar pela trama do personagem Max que, após ser preso inúmeras vezes por roubos, encontra trabalho numa fábrica do grupo Armadyne, grupo esse responsável pela fabricação da própria estação espacial Elysium e cujo CEO é o Sr. Carlyle.

Max, ainda em prisão condicional sendo monitorado por uma tornozeleira, está indo ao trabalho quando é abordado por um robô policial, aqui aparece a primeira contradição uma vez que Max trabalha justamente na linha de montagem desses mesmos robôs que são uma espécie de automatização da profissão policial no Planeta Terra. Ao ser abordado Max é tratado bruscamente pelos robôs policiais e tem seu braço quebrado, necessitando de atendimento médico, é aí que Max vai ao hospital e reencontra sua amiga de infância, Frey, que está trabalhando como enfermeira.

A cena no hospital é muito interessante de ser analisada, pois pode ser interpretada enquanto uma alusão a precarização da saúde, do serviço público e do profissional da saúde. O hospital no qual Max busca atendimento é um hospital que está super lotado e não tem as condições mínimas para um atendimento satisfatório. Trabalhar em um ambiente tão insalubre quanto ao hospital onde Frey trabalha é um aspecto da precarização do trabalho. No filme a personagem Frey não consegue nem mesmo arcar com o tratamento de sua filha e é obrigada a retirá-la do hospital onde trabalha, ou seja, nem mesmo sua filha terá mais acesso ao serviço prestado por sua mãe.

Segundo Giovanni Alves (2007, p. 114):

[...] o conceito de precarização diz respeito a um modo de reposição sócio-histórica da precariedade. Se a precariedade é uma condição, a precarização é um processo que possui uma irremediável dimensão histórica determinada pela luta de classes e pela



correlação de forças políticas entre capital e trabalho.

Tal definição de precarização é útil para a análise das cenas que giram em torno do trabalho de Max na Armadyne. Após Max ter seu braço quebrado na abordagem pelo policial robô, ele se dirige ao oficial da condicional para o qual ele necessita se reportar, porém o atendimento nessa repartição pública não é feito por pessoas e sim por um programa de inteligência artificial que pode ser lido enquanto uma simbolização da automatização das profissões. Após se reportar ao oficial da condicional Max corre para chegar a tempo ao trabalho. Ao chegar seu superior imediatamente começa a gritar com ele devido ao atraso e nota que seu braço está engessado, ao notar o ferimento de Max seu superior imediato no modelo de produção hierarquizado diz que ele não poderá trabalhar assim, porém Max insiste que está tudo bem, pois necessita do trabalho.

Durante seu turno na linha de produção acontece uma falha na estufa pela qual Max está responsável como apêndice da máquina, realizando um trabalho estranhado, no entanto tal falha faz com que a linha de produção seja interrompida. Ao chegar o que está acontecendo o superior de Max constata que um pallet está obstruindo o fechamento da porta e obriga Max entrar na estufa para resolver o problema sob ameaças de que ele seria demitido caso não o fizesse. Ao entrar na estufa Max desemperra o fechamento da porta, porém fica trancado dentro da mesma, sendo exposto a uma radiação que quase o mata instantaneamente, fazendo com que ele tenha somente mais cinco dias de vida.

Após ser removido imediatamente da estufa para que a produção continuasse seu fluxo Max é levado para o ambulatório onde um robô lhe fornece pílulas para que ele continue funcionando normalmente até a sua morte.

O CEO da companhia ao checar o motivo pelo qual a produção foi interrompida observa Max na maca e pergunta se a pele dele saiu do corpo, pois ele não queria ter que substituir a maca, revelando a lógica da redução de



custo impregnada no modelo capitalista de produção. Max é dispensado do trabalho para que morra em sua casa, pois já não é mais útil para extração de mais valia.

Tal acontecimento no filme pode ser interpretado enquanto revelador da dinâmica de produção capitalista onde a força de trabalho vivo é tratada como descartável. A preocupação última da produção é a redução de custo para que se tenha uma maior margem de lucro. Em tal dinâmica os trabalhadores são expostos a diversas formas de abuso e de pressão psicológica, se submetendo a jornadas de trabalhos extenuantes, mesmo quando enfermos, por medo de perderem o emprego. Submetem-se também a processos de produção insalubres que coloca em risco a própria vida do trabalhador, assim como podemos observar nos constantes acidentes no local de trabalho até mesmo nas grandes empresas multinacionais.

### **Considerações finais**

O filme “*Elysium*”, mesmo sendo um típico filme hollywoodiano pode suscitar reflexões deveras oportunas, principalmente no que tange a questões do trabalho e imigração.

O trabalho é parte intrínseca a vida humana e se trata de um dos aspectos que nos distingue de outros animais, ou seja, a capacidade de transformar a Natureza para que através desse processo se obtenham ferramentas e objetos que satisfaçam necessidades humanas ou não, uma vez que no capitalismo existe uma enorme quantidade de objetos que são produzidos tão somente para a obtenção de lucro, sendo para isso empreendida um intenso processo de fetichização da mercadoria. Uma vez que:

[...] sob determinadas condições históricas da propriedade privada e da divisão hierárquica do trabalho, a produção de objetos se inverteu em produção de coisas-mercadorias. O objeto de trabalho (ou o produto do trabalho) se tornou coisal, ou seja, tornou-se uma coisa, produto-mercadoria,





intransparente, fetichizado, que nega o próprio sujeito humano, o ser genérico do homem. A objetivação assume deste modo, uma forma estranhada. (ALVES, 2007, p. 20)

A saga do personagem de ficção científica Max da Costa é uma espécie de caricatura da vida de bilhões de trabalhadores que se expõem todos os dias ao abuso do sistema de produção capitalista, sendo tratados como mais um número nos indicadores de produtividade, arriscam a própria vida e colocam a saúde em jogo para manter uma fonte de sustento, vendem a força de trabalho pois se trata da única maneira de sobreviver uma vez que lhes fora arrancado qualquer possibilidade de trabalho não alienado dos meios de produção.

Apesar de se tratar de um filme de ação/ficção científica pode-se tirar aspectos críticos através de análise, pois em ultima instancia se trata de um filme fruto do trabalho humano, e por trás desse sempre existe uma lógica, pois, mesmo que não tenha sido pensado para suscitar reflexões, filmes são realizados com um propósito, seja ser uma válvula de escape da realidade extenuante, seja para o condicionamento da maneira de pensar das massas, seja para o reforço de padrões de consumo de estética e beleza. No entanto, em sendo um produto da ação humana esse é passivo de ser analisado enquanto tal.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **Os Sentidos do Trabalho**, Boitempo, São Paulo, 1999

\_\_\_\_\_. **O Caracol e sua Concha – Ensaio sobre a nova morfologia do trabalho**. Editora Boitempo, São Paulo, 2005.

ALVES, Giovanni. **Dimensões da Reestruturação Produtiva**, Editora Praxis, 2007 (Partel)

\_\_\_\_\_. **Dimensões da Precarização do Trabalho**. Editora Práxis. 2013

BRAVERMAN, Harry. **Trabalho e Capital Monopolista**, Editora Zahar, Rio de Janeiro, 1982.



“ELYSIUM”. Direção de Neil Blomkamp. Eua: Sony Pictures, 2013. (109 min.), son., color.

ENGELS, Friedrich. **A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra**, Boitempo, São Paulo, 2010.

MARX, Karl. **O Capital – Crítica da Economia Política**. Abril Cultural, São Paulo, 1986. (Livro I, Capítulo 5)

Samoel Ramos de Alcantara

Graduando em Relações Internacionais pela UNESP - Faculdade de Filosofia  
e Ciência de Marília